

Que fazer do «Consenso de Washington»?

A expressão «Consenso de Washington» surgiu em 1990, em conjuntura de euforia liberal, quando Fukuyama anunciava o «fim da História» e se generalizavam processos de «transição para a economia de mercado», em tempo de colapso da União Soviética e do chamado «Segundo Mundo». No essencial, significava um modelo de política económica defensor da privatização, da abertura ao investimento estrangeiro, da liberalização do comércio internacional e duma política monetária e orçamental orientada para a estabilidade de preços e o equilíbrio das finanças públicas. Com o decurso dos anos e as vicissitudes da globalização, o modelo tornou-se mais flexível, incorporando até medidas para correcção das excessivas disparidades na repartição dos rendimentos.

Na prática, porém, não foi o «Consenso» que predominou mas antes a globalização financeira no amplo e turbulento contexto do mercado global. Falou-se muito, durante algum tempo, da emergência triunfante duma *knowledge based economy*, ou seja, duma generalizada transição para a economia do conhecimento, talvez a caminho da sociedade do conhecimento. Mas, vendo melhor o que se passa, assistiu-se antes ao predomínio da globalização financeira sobre a globalização do conhecimento, isto é, ao triunfo (digamos) do conhecimento apoiado na economia, e não o contrário.

A presente crise mundial, de desfecho imprevisível, questiona mais profundamente o que restava do «Consenso de Washington». Mas, se não confundimos desejos com realidades, reconhecemos que não parece desenhar-se ainda no horizonte, com clareza, o «novo Consenso». Que, aliás, possivelmente já não será nascido em Washington, mas noutra qualquer ponto do mercado mundial...



MÁRIO MURTEIRA

DIRECTOR

mism@iscte.pt

www.mariomurteira.com

What to do with the “Washington Consensus”?

The expression “Washington Consensus” appeared in 1990 in a context of liberal euphoria when Fukuyama announced the “End of History”, the «transition to the market economy» became generalized and we saw the collapse of the Soviet Union and the so-called “Second World”. Essentially, it meant a model of economic policy that defended privatization, the opening up to foreign investment, the liberalization of international trade and a monetary and budgetary policy oriented towards price stability and the balancing of public budgets. Over the years and with the vicissitudes of globalization, the model has become more flexible and has even come to incorporate measures to correct excessive disparities in the distribution of wealth.

In practice, however, it is not the “Consensus” that has predominated but financial globalization in the broad and turbulent context of the global market. For some time, there was much talk of the triumphant emergence of a **knowledge based economy**, in other words of a generalized transition to the knowledge economy, perhaps the pathway to the knowledge society. But on closer scrutiny, we find that it is financial globalization which has dominated over the globalization of knowledge, that is, the “triumph” of knowledge is supported on the economy and not the other way around.

The present world crisis, the outcome of which is unpredictable, raises more profound questions about is left of the “Washington Consensus”. However, if we do not confuse wishes with realities, we recognize that the “new Consensus” has not yet been clearly drawn on the horizon. A consensus that may not come out of Washington but from somewhere else in the world market...



MÁRIO MURTEIRA

DIRECTOR

mism@iscte.pt

www.mariomurteira.com